

## Vamos brincar de construir um mundo para todas as pessoas?

Liliane Garcez

Luiz Henrique de Paula Conceição

Nos primeiros anos de vida a criança conhece seu corpo e o mundo ao seu redor brincando. Brincar é experienciar, é interagir, é inventar. Brincar é importante, apontam estudos e pesquisas. Brincar é gostoso, dizem as crianças.

A criança tem, nas brincadeiras que faz com outra criança ou sozinha, oportunidades de usar seus recursos para explorar o mundo, ampliar sua percepção sobre ele e sobre si mesma, organizar seu pensamento e trabalhar seus afetos, sua capacidade de ter iniciativa e ser sensível a cada situação. Percepções, pensamentos e afetos...tudo junto ao mesmo tempo, mobilizado e reorganizado durante as brincadeiras constituídas a partir do repertório delas próprias, dentro do contexto social em que vivem. E quando nossa ou nosso protagonista é uma criança com deficiência? Percepções, pensamentos, afetos e contexto são, sem dúvida, atravessados por essa condição...seja ela minha ou do outro.

Ninguém tem dúvida que toda a criança tem direito ao brincar. Ou seja, é desnecessário dizer que as crianças com deficiência também têm esse direito.

Porém, e como diria Plínio Marcos “sempre tem um porém”, convenhamos que ainda são raras nossas oportunidades de encontro com crianças com deficiência nos diferentes espaços de brincar na cidade. Tudo se passa como se essa parcela da população infantil só pudesse ocupar espaços previamente determinados, onde o direito acessado fosse entendido como parte ou forma de ‘tratamento’ ou de expectativas estabelecidas de desenvolvimento. A isso chamamos de invisibilidade dentro de um paradigma biomédico.

Entretanto, é justamente no processo de garantia do direito a cidade para todas, todos e todes que nos damos conta da existência de crianças que muito provavelmente não tinham lugar em nossas brincadeiras infantis.

Hoje, temos como marco a definição de pessoa com deficiência disposta na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência estabelecida em 2006 pela Organização das Nações Unidas e ratificada com status de emenda constitucional em nosso país no ano de 2008. Ela conceitua que pessoas com deficiência são pessoas que “têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. Essa definição mundial contemporânea de pessoa com deficiência, ao evidenciar seu caráter relacional, coloca o conceito em movimento, estabelece uma equação sempre variável.

Pessoas com deficiência

Impedimentos

X

Barreiras

Participação



Deficiência é um conceito sempre em relação

Por meio dela, podemos perceber que quanto mais o ambiente tem barreiras, maior é a dificuldade de brincar, de conviver com autonomia. Importante dizer que participação, numa sociedade democrática, não se restringe à possibilidade de realizar esse ou aquele movimento ou de ter essa ou aquela acuidade sensorial. Refere-se a possibilidade de poder fazer escolhas, de ser respeitada, de compor a brincadeira com suas percepções, pensamentos e afetos, não sendo colocada no lugar do 'café-com-leite'. Cidadania relaciona-se à perspectiva social.

Para que isso aconteça, em alguns momentos, há que se estabelecer ações afirmativas, como por exemplo priorizar seu acesso a determinado local, como forma de garantir sua participação e assegurar que ela possa desenvolver ao máximo suas capacidades. Em outros, bastam ações que garantam a equidade, como a disponibilização de livros em Braille nas bibliotecas ou de intérprete de Libras nas contações de histórias. Ou seja, medidas que possibilitem o acesso aos serviços e oportunidades comuns a todas as demais crianças, em um fazer junto. O mais importante é romper com nossas barreiras atitudinais!

Si enseñamos a los niños a aceptar la diversidad como algo normal, no será necesario hablar de inclusión, sino de convivencia.



Nesse diálogo entre todos, com e na comunidade brincante, ao vivenciar que todos somos diferentes e que a diferença torna a brincadeira mais divertida, as crianças estruturam outras formas de pensamentos, sentimentos e ações. As perguntas, dúvidas e questões que surgem nos espaços do brincar são imprevisíveis, pois não há protocolo pré-estabelecido dado que os repertórios e os contextos variam. Ao sairmos dos modelos fechados que invariavelmente se baseiam em preconceitos, abrimos caminhos para alargarmos nossa humanidade, articulando informação e convivência, num movimento de ruptura de barreiras.

O conceito de ACESSIBILIDADE, central na luta das pessoas com deficiência pela igualdade de oportunidades em todas as esferas da vida, aproxima as demandas de todas as pessoas, sem distinção. Diante do direito de acesso a bens e serviços, investe-se na melhoria das condições dos ambientes e dos contextos para diminuir a desvantagem desta ou daquela pessoa, ainda que esses fatores, por vezes, não constituam barreiras para os que não têm deficiência. Participar da sociedade é um direito e a acessibilidade tem como objetivo a equiparação de oportunidades com autonomia. Ou seja, todas nós, pessoas, somos beneficiárias da acessibilidade, ainda que algumas de nós dependam dela para acessar direitos. Quando optamos pela perspectiva da educação inclusiva, por exemplo, o que está em jogo não é apenas a presença de crianças com deficiência nas classes comuns do ensino regular, e sim a capacidade da comunidade escolar de reinventar os processos educativos, do planejamento à avaliação, e tornar a educação melhor, sem mecanismos de seleção ou discriminação. Participar, aprender e ensinar sem vírgulas ou “desde que” para que o mundo seja para todas as pessoas!

Nesse dia 21 de setembro de 2021, fica mais uma vez o convite: vamos derrubar barreiras para que todas as crianças possam brincar juntas numa cidade cada vez mais acessível? Afinal, a data para o Dia Nacional de Luta pelos Direitos das Pessoas com Deficiência foi escolhida por coincidir com o Dia da Árvore e estar próxima da primavera, representando nosso esperança freireano por um mundo onde caibam todos os corpos, todos os jeitos e todos os gestos. O movimento da inclusão não é o inverso da exclusão; é o processo de modificação da cidade para torná-la de todas, todos e todes agora! E quem melhor do que habitantes recém-chegados para dar conta, brincando, da tarefa de não deixar ninguém para trás, posta na Agenda 2030? Apostamos que esse movimento lúdico pode instigar nossa humanidade a ampliar as possibilidades de leituras de mundo, fazendo com que a cidadania plena, a inclusão e a participação em igualdade de condições seja realidade para todas as pessoas, sem exceção!

**Liliane Garcez** – sou educadora, psicóloga, administradora pública e atuo/milito nas áreas de educação e direitos humanos há mais de 15 anos. Acredito que a vida é transdisciplinar.

**Luiz Henrique Conceição** – sou psicólogo de formação e educador por convicção. Política pública e direitos humanos são minhas áreas de militância desde sempre. Por aceitar o desafio freireano de um mundo melhor, busco constantemente pesquisar e desenvolver ações para transformá-lo.